

Política e ideologia

Marcus Freire & Manuela Penafria*

As imagens em movimento sempre constituíram um documento inestimável sobre o momento em que foram produzidas. Seja inventando histórias, seja registrando elementos dados do mundo histórico, o cinema, assim como toda forma de representação, guarda em si rastros do seu tempo. No que diz respeito ao documentário, crises, comoções nacionais ou internacionais, foram responsáveis pelo surgimento de novas tendências no registro do real ou levaram realizadores a adquirirem suas credenciais para ocupar um lugar na história do filme de não ficção. O Dossier Temático da edição 28 da *DOC On-line* sob o tema “Política e ideologia” tem como fio condutor as relações do filme de não ficção com os gestos e manifestações políticas e ideológicas ocorridas, ou em curso, neste século.

“*Rotundus*: um documentário sobre o corpo gordo como matéria política na arte contemporânea”, de José Cirillo e Júlia Almeida de Mello partem do filme *Rotundus* (2005) para compreenderem o papel do corpo gordo na desconstrução de padrões, normas e instituições. Em “Rindo de quem? construção e ridicularização do inimigo político no documentário”, Paula Gomes discute as técnicas de construção e ridicularização de inimigos sociais e políticos nos filmes de alguns dos mais influentes realizadores documentais: Michael Moore, Nick Broomfield, Avi Mograbi e Emile de Antonio. Anita Leandro e Mateus Araújo assinam “Torturadores e torturados: a violência de Estado em dois filmes brasileiros recentes” para abordarem a violência de Estado no Brasil desvelando o modo como os filmes *Pastor Cláudio* (2017), de Beth Formaggini e *Sete anos em maio* (2019), de Affonso Uchôa “constroem as condições para os testemunhos de seus personagens e enfrentam um aspecto tragicamente atual da história do país”. Em “Genocídio e invisibilidades: Apontamentos socioculturais da população negra a partir da análise do documentário *O caso do homem errado* (2018)”, Joselaine Caroline da Silva Santos reflete sobre o genocídio de jovens negros por parte da polícia brasileira assim como a invisibilidade da mulher negra no cinema. Em “Alianças audiovisuais em tempos sombrios: Eduardo Coutinho, o Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) e os movimentos civis”, Claudia Cardoso Mesquita e Vinícius Andrade Oliveira focam-se na colaboração entre Eduardo Coutinho, o Centro de Criação

* Editores da *DOC On-line*. Marcus Freire: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Manuela Penafria: Universidade da Beira Interior – UBI/LaBcom.

de Imagem Popular (CECIP) e organizações civis para elaborarem os sentidos de “aliança” que permitiram dar visibilidade a lutas por direitos e cidadania no período da redemocratização brasileira. Tatiana Hora em “Corpos interditos em *Era uma vez Brasília*” argumenta que esse filme de Adirley Queirós, desvia os sentidos dos arquivos através da montagem, e estabelece articulações complexas entre tempo histórico e tempo narrativo. Adil Giovanni Lepri e Mônica Mourão em “A política narrativa do Movimento Brasil Livre em *Não vai ter golpe! O nascimento de uma nação livre* (2019)” têm como enfoque a deposição da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, para analisarem como o Movimento Brasil Livre se coloca como protagonista e agente dessa deposição. Para encerrar o Dossier Temático, Sylvia Beatriz Bezerra Furtado em “Todo cinema é uma política” centra-se na obra *Diário*, da brasileira Marilá Dardot, e em dois filmes, *Quicksand* e *Promised Land*, do dinamarquês Nicolal Bendix Skyum Larsen, para estabelecer diálogos entre essas obras enquanto uma partilha do sensível e concluir que todo cinema é uma política.

Na seção Artigos, Patrícia Vieira escreve “Portuguese women film directors and the environment: Margarida Cardoso’s *Atlas*”, no qual a curta *Atlas* é um estudo de caso a respeito do uso do meio ambiente no cinema de mulheres portuguesas e para comentar a tradição de vincular mulher e natureza à cultura ocidental. “Interseccionalidade em *The emerging woman* (1974)”, de Karla Holanda propõe-se analisar *The emerging woman*, filme independente de Helena Solberg, realizado nos Estados Unidos, em 1974 destacando aproximações e distanciamentos entre Brasil e Estados Unidos, no discurso feminista do documentário. Por fim, em “O espectador de Eduardo Coutinho: um estudo de *Moscou*”, Helena Oliveira Teixeira de Carvalho e Nilson Assunção Alvarenga analisam e discutem as operações cinematográficas em *Moscou* (2009), de Eduardo Coutinho revelando como o filme cria o seu próprio espectador.

Em Leituras, publicamos “Vídeo nas Aldeias, autoetnografia e as raízes antropológicas no cinema” pela dupla Sávio Luís Stoco e Ricardo Agum Ribeiro, a respeito do livro *Cineastas indígenas, documentário e autoetnografia: um estudo do projeto Vídeo nas Aldeias*, de Juliano José de Araújo. Em “A parcialidade do ouvir por perto”, Marina Costin Fuser traz-nos uma resenha do livro *O cinema de Trinh T. Minh-ha: intervalos entre antropologia, cinema e artes visuais*, da autoria de Gustavo Soranz.

A fechar a edição, como habitualmente, divulgamos informação sobre teses de doutoramento e dissertações de mestrado concluídas de que tivemos conhecimento.